

Análise da percepção de cooperação dos produtores da Associação de Artesanato e Confeção de Raposo-RJ baseada em fundamentos neo-marshallianos

Altina Silva Oliveira¹
Alcimar das Chagas Ribeiro²

Resumo

O presente trabalho se baseia nos fundamentos neo-marshallianos para verificar a percepção de cooperação que os produtores da associação de artesanato e confecção de Raposo- RJ tem da mesma . São utilizados aspectos metodológicos associados à temática da organização produtiva dos Distritos Industriais marshallinos, como: senso de pertencimento, reciprocidade, cooperação e aglomeração local. Com isso pretende-se fortalecer a discussão em torno da aglomeração produtiva, ressaltando como a forma de organização está ligada ao sucesso de várias regiões.

Palavras-chave: aglomeração; cooperação; desenvolvimento

Recebimento: 17/7/2013 - Aceite: 19/9/2013

¹ Mestrado em Engenharia de Produção pela Universidade Estadual Norte Fluminense (2013); Graduada em Administração pela Universidade Iguazu (2009); altinaadm@gmail.com

² Doutorado em Ciências de Engenharia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro (2002); Mestrado em Ciências de Engenharia pela Universidade Estadual do Norte Fluminense (1998); Graduada em Ciências Econômicas pelas Faculdades Integradas Bennett (1977); Atualmente é professor associado da Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro. Tem experiência na área de Economia, com ênfase em Desenvolvimento Regional, atuando principalmente nos seguintes temas: economia de aglomeração, competitividade, desenvolvimento local e organização produtiva em redes de pequenas firmas; alcimar@uenf.br

Analysis of sense of cooperation of producers Association of Crafts and Making Raposo-RJ based rationale neo-marshallian

Abstract

This work builds on the foundation neo-Marshallian to verify the perception of cooperation that producers association of crafts and making Raposo-RJ is the same. Are used methodological aspects related to the theme of the productive organization of the Industrial Districts Marshallense, such as sense of belonging, reciprocity, cooperation and agglomeration location. This is intended to strengthen the discussion of productive clusters, emphasizing how the form of organization is linked to the success of various regions.

Keywords: agglomeration; cooperation; development

Introdução

O sucesso de uma comunidade depende da sua habilidade em se adaptar à dinâmica local, nacional e internacional da economia de mercado. Estrategicamente planejado, o desenvolvimento econômico local está sendo cada vez mais usado para fortalecer a capacidade local das comunidades de uma região, melhorar o ambiente para investimentos e aumentar a produtividade e a competitividade dos negócios locais, dos empreendedores e dos trabalhadores.

A capacidade das comunidades para melhorar a qualidade de vida, criar novas oportunidades econômicas e lutar contra a pobreza, depende dessas serem capazes de compreender os processos de desenvolvimento econômico local e agir estrategicamente no mercado que muda constantemente e que é cada vez mais competitivo (SWINBURN, *et al* 2006).

As comunidades, dentro de suas regiões, geralmente competem para atrair os investimentos externos e locais. Existem oportunidades para que as comunidades dentro das diversas regiões colaborem, umas com as outras, no sentido de ajudar no crescimento econômico de cada uma, por exemplo, apoiando melhorias de infraestrutura e do meio ambiente, que possam ter um impacto regional mais amplo.

Ações conjuntas deliberadas através da cooperação entre os agentes podem se traduzir em ganhos competitivos importantes para as firmas, pois permitem superar coletivamente obstáculos que as firmas que atuam isoladamente teriam maiores dificuldades para ultrapassar.

A idéia que a presença concentrada de firmas em uma mesma região pode prover vantagens competitivas foi observada inicialmente por Marshall (1920) a partir da análise de distritos industriais na Inglaterra no final do século XX.

Nota-se que os estudos sobre as aglomerações, em geral, se baseiam no método indutivo que, a partir de casos individuais passa a generalizar as conclusões encontradas.

Depois de Marshall, diversos outros autores procuraram recuperar os principais elementos que justificam as vantagens competitivas das estruturas geográfica e setorialmente concentradas. Quase todos os autores partem do trabalho pioneiro de Marshall para construir a análise das economias externas que são obtidas pelas empresas participantes do sistema local e muitos deles acrescentam novos elementos às suas análises. Dentre esses autores, destacam-se Krugman (1991; 1998), Schmitz (1997), Foray (1991), Langlois e Robertson (1995), Markusen (1995), Scott (1998), Belussi e Gotardi (2000) e Lombardi (2003) - (GARCIA, 2006).

Sob diferentes perspectivas os autores citados, justificaram a importância das economias externas locais. Por causa da existência dessas externalidades positivas, os produtores locais tenderiam a apresentar um desempenho competitivo superior, já que tais vantagens são específicas ao âmbito local.

Em razão dessa discussão, o presente trabalho se baseia nos fundamentos neomarshallianos para verificar a percepção de cooperação que os produtores da associação de artesanato e confecção de Raposo- RJ tem da mesma .

A problemática do trabalho consiste na busca de um melhor entendimento sobre a natureza da

Para melhor sistematização do trabalho, a introdução é apresentada na seção 1; a revisão bibliográfica na seção 2; a caracterização da unidade de análise seção 3; aspectos metodológicos utilizados na seção 4; os resultados da discussão na seção 5; e as considerações finais, na seção 6.

Revisão de literatura

Distritos Industriais e Cooperação

Em 1979 Giacomo Becattini, a partir de leituras dos textos de Alfred Marshall, revitalizou o conceito de distrito industrial. Em sua análise define o *distrito industrial* como uma “entidade sócio-territorial caracterizada pela co-presença ativa, numa área territorial circunscrita, natural e historicamente determinada, de uma comunidade de pessoas e de uma população de empresas industriais”, sendo o que o diferencia da “região econômica” tradicional é o fato de a atividade dominante ser a indústria (BECATTINI, 1989).

O mesmo autor salienta algumas características que devem estar presentes num distrito: “o distrito industrial marshalliano é constituído por uma população de pequenas e médias empresas independentes, tendencialmente coincidentes com as unidades produtivas de fase, apoiando-se numa miríade de unidades fornecedoras de serviços à produção e de trabalhadores ao domicílio e a tempo parcial, orientada, através do mercado das encomendas, por um grupo aberto de empresários puros”. A definição de Becattini (1989) pretende focar a presença de um conjunto de atributos que dão identidade e consistência social a um certo território, assim como marcam a vida econômica desses espaços, a saber: a) a existência de uma intensa divisão inter-empresas, combinando concorrência e parceria; b) a especialização de um ramo industrial ou em torno de um tipo de produto, o que facilita a segmentação do processo produtivo em fases diferenciadas; c) a presença de um grau elevado de flexibilidade do

mercado de trabalho; d) a adaptação das PMEs às condições de mercado, tendo possibilidades em responder às novas preferências e antecipar tendências. Por este enunciado de características, resulta que cooperação e concorrência conviverão no distrito industrial e garantirão a sua existência (ARAUJO, 2009).

Becattini (1999) ainda contribuiu para o esclarecimento do fenômeno da Teceira Itália nos anos de 1970, quando o liga à noção marshalliana de distrito industrial. A associação daquilo que se passava na Itália com o conceito de distrito industrial de Marshall tem justificativa quando, em suas obras, o autor demonstra que as vantagens de produção em grande escala podem ser obtidas por uma grande quantidade de empresas de pequeno porte, centradas num território, especializadas nas suas fases de produção e recorrendo a um único mercado de trabalho local (BORIN, 2006).

Os distritos industriais italianos, localizados na região da Emília Romana, chamaram, inicialmente, a atenção pela capacidade competitiva de suas pequenas empresas, voltadas, em geral, para produção de bens considerados tradicionais. A vantagem destas regiões não era derivada de baixos custos de salário, mas sim da capacidade de especialização e interação existente no interior das aglomerações (VALE E CASTRO ano)

Courlet (2001) observa que nos distritos industriais Italianos , ao contrário do que se passa nas cidades manufactureiras, tende a haver um processo de osmose entre a comunidade local e as empresas. Afora isso, eles são amplamente capazes de cobrir o conjunto do ciclo produtivo (criação, produção, comercialização nacional e internacional) e mantém um setor de criação e de produção de máquinas ligadas às suas atividades.

Os distritos industriais da Itália estão espalhados em todo país. De acordo com censo de 2001, a população que vive nos distritos industriais representa 22,1% da população da Itália, distribuídos por 14 municípios do país. Em Média cada distrito industrial é composto por 14 municípios do país, cada um com uma média de 80.715 pessoas, segundo dados do Instituto Nazionale di Statistica (2006) (GRADO ET AL., 2008).

De acordo com Pereira (2011) é possível notar que os distritos organizados no norte e noroeste da Itália conseguiram prover ganhos de escala ao território considerando o fato das empresas serem classificadas como pequenas e médias empresas, mas somente o fato do tamanho das empresas não indica muito quais eram os fatores de sucesso nestes distritos , e sim a forma como tais agentes conseguem se organizar para produzir . É importante ressaltar os esforços coletivos observados nos distritos industriais italianos, como a cooperação, a interação interempresas e as ações políticas que permeiam entre os agentes inseridos no território.

Esses distritos ao se desenvolverem apresentam características típicas das comunidades Italianas como: a tradição de administração local e democrática eficazes, o proveito de uma intensa atividade comercial, das profissões liberais e do artesanato. Alguns desses territórios são de formação recente, enquanto, muitos outros se originaram no séc. XIX, e até mesmo no séc. XVII. Trata-se de regiões onde os agricultores familiares encontraram um complemento aos seus fracos rendimentos e, muitas vezes, acabaram por desenvolver uma primeira atividade industrial (FUÀ, 1985 *APUD* COURLET, 2001)

Um ponto importante de destaque nessa abordagem focando antecedentes históricos culturais como determinante da vontade de torna-se empreendedores e uma fonte de oportunidade, refere-se à essa origem agrícolas de muitos desses empresários. Em muitos casos, esses pequenos empresários tinham sido meeiros. De acordo com a literatura, esta origem implica em certas habilidades, e na maioria dos casos os pertencentes a um determinado tipo de instituição, ou seja, a “família alargada”. De acordo com Bagnasco (1977) a experiência como meeiros ensinou a eles a desenvolverem uma habilidade organizacional dentro de uma estrutura familiar, juntamente com extrema flexibilidade e adaptabilidade em termos de trabalho e a variabilidade de rendimentos.

Courlet (2001) aponta que, geralmente, esta ligação entre a indústria e a produção agrícola, ainda está presente na atualidade. A partir destas pequenas iniciativas, esta estrutura permitiu que a indústria se baseasse na reprodução econômica e social de domínio familiar e rural (oferta de mão-de-obra flexível e de baixo custo e organização da pluriatividade no seio da família). Toda esta flexibilidade está calcada na pequena dimensão das unidades de produção, sobre a densidade de relações entre estas e na rapidez de resposta das empresas às novas condições internas e externas à região.

Becattini (2002) ressalta que para que o distrito logre um processo de desenvolvimento positivo é necessário que a população possua um forte sentimento de pertencimento à comunidade local, para que possa existir uma forte fusão entre as atividades de produção e a vida cotidiana da população, em outras palavras, é necessário que exista coerência harmônica entre a organização do processo de produção e as características sociais e culturais que se desenvolveram em um lento processo de interação local, historicamente definido.

Os distritos industriais italianos, além de terem dinamizado varias regiões do país tem capacidade de transformação endógena, onde se integra a cadeia produtiva ao todo fazendo com que cada agente se sinta

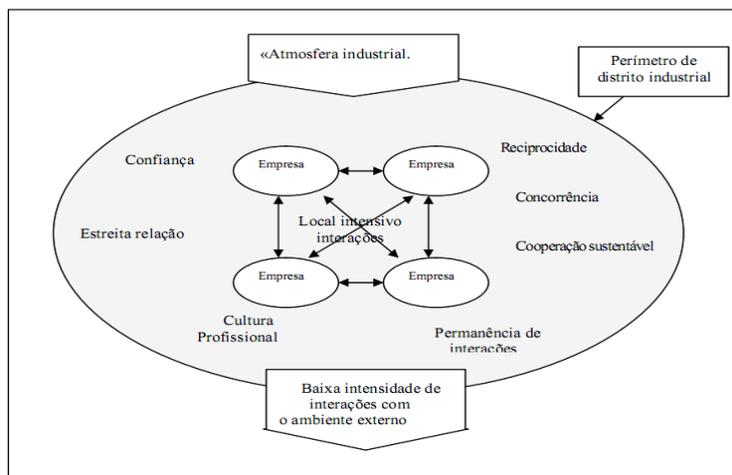
participante direto do processo, seja de produção, seja de fabricação, seja de comercialização ou até mesmo distribuição (Fahau 2011).

Nota-se que a formação dos distritos italianos não ocorreu de forma induzida por algum organismo governamental ou de fomento, mas sim pela iniciativa dos empreendedores locais, tendo as relações baseadas em mecanismos de confiança, respeito e cooperação. O êxito econômico dos distritos italianos foi decorrência, essencialmente, de uma organização social e econômica coletiva e eficaz baseada na pequena e média empresa, e não apenas do acesso vantajoso a “recursos de produção de baixo custo monetário” - mão-de-obra com remuneração mínima, recursos naturais abundantes e de pequeno valor (FARAH JÚNIOR, 2001).

Para Chabault (2006) os distritos industriais são na verdade compostos por pequenas empresas que coexistem e juntos em um só lugar e cuja estabilidade é devido à ausência de uma grande empresa líder. Empresas individuais que compõem o distrito geralmente são articuladas tecnicamente o uns aos outros e, coletivamente contribuir para uma boa produção específica, identificável como o distrito industrial. Destaca ainda que o sucesso dos distritos industriais baseia-se em vários atributos: confiança para interações, relações de proximidade e de reciprocidade.

O mesmo autor define atributos da relação entre as organizações no distrito industrial como mostra a figura 1:

Figura 2: Atributos da relação entre organização no Distrito Industrial



Fonte: Chabault (2006).

Além do exposto até agora uma questão a ser destacada nos estudos sobre distritos industriais refere-se às economias que são geradas pela concentração empresarial. O aumento da escala de produção cria economias ou ganhos de produtividade internas e externas. Com isso quando um grupo de empresas se concentra geograficamente resulta em economias externas positivas, que são transformadas em vantagens competitivas pelas mesmas empresas

Toda essa fundamentação teórica reforça o construto do estado da arte deste trabalho, pois inicialmente pretende-se identificar traços das teorias desenvolvidas por Marshall e Bacattini na unidade de análise. Cabe ressaltar que a pesquisa inerente ao trabalho atual procura levantar pontos que serão pesquisados posteriormente de forma mais aprofundada, a fim de se comprovar empiricamente tais pressupostos no distrito de Raposo no estado do Rio de Janeiro.

Com isso pretende-se fortalecer a discussão em torno da aglomeração produtiva, ressaltando como a forma de organização está ligada ao sucesso de várias regiões.

Unidade de análise

Caracterização de Raposo

Itaperuna é um município na Mesorregião do Noroeste Fluminense, no estado do Rio de Janeiro, no Brasil. Ocupa uma área de 1.105,566 quilômetros quadrados. Sua população, em 2010, foi estimada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística em 95.876 habitantes, correspondente a 30,19% do total da população da região noroeste do estado, sendo, assim, o 27º município mais populoso do estado do Rio de Janeiro e o primeiro de sua microrregião. Possui densidade demográfica de 86,71 habitantes por Km². O município de Itaperuna está classificado com um índice médio de desenvolvimento humano de 0,787 ocupando a 20ª posição no critério do IDH estadual.

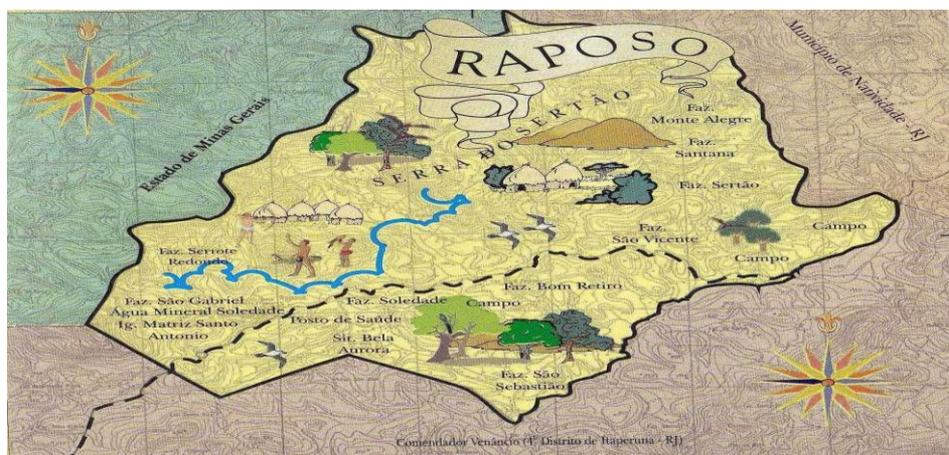
Itaperuna se destaca como pólo comercial da região noroeste do Estado do Rio de Janeiro, possui sete distritos: Aré, Boa Ventura, Comendador Venâncio, Itajara, Nossa Senhora da Penha, Raposo e Retiro do Muriaé, é muito procurado devido a Raposo, que oferece fontes de águas minerais.

Raposo é uma acolhedora estação de águas minerais, localizada ao noroeste do Estado do Rio de Janeiro. Na região que no século XIX era densamente povoada de índios, foram descobertas diversas jazidas de ouro, platina, opalas e rubis. A riqueza das paragens não passou despercebida aos antigos desbravadores, que lá se fixavam.

Foi considerado em 1987, através do Decreto nº9. 760 de 11 de março do mesmo ano, área de interesse especial, devido às qualidades de suas águas minerais. As águas são do tipo carbo-gasosa e apresentam-se sob as formas alcalina magnesiânica e sulfurosa.

Raposo, desmembrado do Distrito de Comendador Venâncio no ano de 1990 é o 7º distrito do Município de Itaperuna-RJ e localiza-se próximo a linha divisória entre os estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo e Minas Gerais.

Figura 1: Mapa de Raposo



Fonte: Costa (2003).

Em razão das propriedades medicinais presentes nas águas de suas fontes, é uma das estâncias hidrominerais mais procuradas no Estado. Tem aproximadamente 6.500 habitantes, possui uma rede hoteleira composta de onze hotéis e pousadas e aproximadamente dois mil leitos com restaurante. Por fim de semana o local recebe cerca de dois mil turista provenientes de todos os cantos e o ápice do turismo local é durante a tradicional Festa de Carros de Bois que acontece sempre no ultimo fim de semana do mês de maio, onde mais de quinze mil turistas visitam a localidade para presenciar e viver um espetáculo de fé.

Metodologia

Este estudo assume em sua elaboração um caráter exploratório. A pesquisa exploratória não requer a elaboração de hipóteses a serem

testadas no trabalho, restringindo-se a definir objetivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo. Tais estudos têm por objetivo familiarizar-se com fenômeno ou obter uma nova percepção dele e descobrir novas idéias (CERVO e BERVIAN *et al* 2007).

A pesquisa exploratória realiza descrições precisas da situação e quer descobrir as relações existentes entre seus elementos e componentes. Esse tipo de pesquisa requer um planejamento bastante flexível para possibilitar a consideração dos mais diversos aspectos de um problema ou de uma situação. Recomenda-se a pesquisa exploratória quando há pouco conhecimento sobre o problema estudado.

Pois ela busca apenas levantar informações sobre determinado objetivo, delimitando assim um campo de trabalho, mapeando as condições de manifestação desse objeto (SEVERINO 2007) e formulando questões ou um problema, com tripla finalidade: de desenvolver hipóteses, aumentar a familiaridade do pesquisador com um ambiente, fato ou fenômeno, para realização de uma pesquisa futura mais precisa, ou modificar e clarificar conceitos (MARCONI e LAKATOS 2010).

Ferramenta de pesquisa

Foi elaborado um modelo de questionário, que segue o modelo proposto Lastres e Cassiolato (2003) , as questões foram adaptadas inerentes ao contexto da pesquisa, as questões foram colocadas de forma que o respondente pudesse apresentar sua percepção sobre o nível de cooperação, marcando sua resposta, em uma escala tipo likert, de 1 a 5, com seguinte pontuação: Inexistente (1), Baixo (2), Médio (3), Bom (4) e Excelente (5).

Tabulação dos dados

No desenvolvimento da tabulação dos dados foi utilizado o software SPSS (Statistical Package for Social Sciences). O SPSS Data Editor é útil para fazer testes estatísticos, tais como os testes da correlação, multicolinearidade, e de hipóteses; pode também providenciar ao pesquisador contagens de frequência, ordenar dados, reorganizar a informação, e serve também como um mecanismo de entrada dos dados, com rótulos para pequenas entradas. Permite realizar cálculos estatísticos complexos e visualizar em poucos segundos o resultado.

Além das frequências em cada variável relacionada. O programa SPSS mediu as médias ponderadas, após isso foi feita a média aritmética das médias ponderadas para se obter a média total e medir os níveis de cooperação de acordo com os índices estabelecidos abaixo:

- a) para o índice com valor menor que 3 » nível de baixo;
- b) para o índice com valor igual a 3 » nível de médio (neutro);
- c) para o índice com valor maior que 3 » nível de alto.

Discussão e resultados

A cooperação é o instrumento em que as partes reconhecem que possuem recursos, *expertise* e conhecimento, e que, trabalhando juntas, reduzem os custos de suas transações, melhoram a sua performance na área de atuação, minimizam as desconfianças mútuas e promovem o desenvolvimento (BORIN, 2006).

O nível de cooperação foi analisado a partir das seguintes variáveis: Compra de equipamentos, venda conjunta de produtos, desenvolvimento de produtos e processos, *desing* e estilo de produtos, capacitação de recursos humanos, obtenção de financiamento, reivindicações e participação conjunta em feiras. Os resultados indicam altos níveis de inexistência de todos os itens, sendo mais críticos, *desing* e estilo de produtos, capacitação de recursos humanos e obtenção de financiamento que obtiveram a percepção 100% de inexistente. Conforme a tabela 1.

Tabela 1: Percentual Cooperação

COOPERAÇÃO	INEXISTENTE	BAIXO	MÉDIO	BOM	EXCELENTE
Compra de equipamentos	97,8 %	2, %	-	-	-
Venda conjunta de produtos	97,8 %	2,2 %	-	-	-
Desenvolvimento de produtos e processos	98,9 %	-	1,1 %	-	-
Desing e estilo de produtos	100,0 %	-	-	-	-
Capacitação de Recursos Humanos	100,0 %	-	-	-	-
Obtenção de financiamento	100,0 %	-	-	-	-
Reivindicações	95,7 %	-	3,2 %	1,1 %	-
Participação conjunta em feiras	88,2 %	8,6 %	1,1 %	2,2 %	-

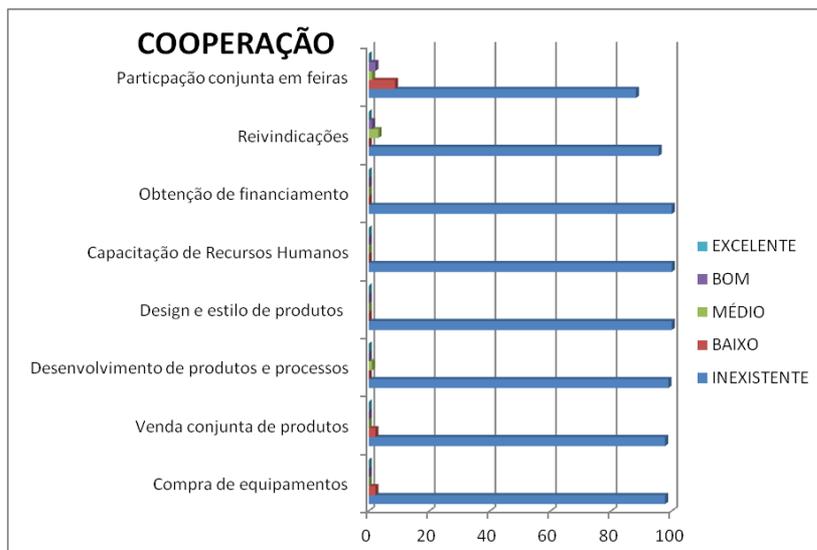
Fonte: o autor

É possível notar que as variáveis: compra de equipamentos, venda conjunta de produtos e participação conjunta em feiras apresentam índices pequenos, porém a existência dos mesmos, mesmo que de forma tão modesta, leva a acreditar que alguns agentes do aglomerado observam a necessidade de promover entre si parcerias que os possibilite concorrer com as empresas de grande porte e permanecer no mercado.

Porém a média total do nível de cooperação foi 1,04 o que demonstra um nível baixo (ruim) de cooperação entre os produtores da localidade.

O gráfico 1 mostra as frequências das variáveis no nível de cooperação

Gráfico 1: Cooperação



Fonte: o autor.

Foi percebido que os produtores (feirantes) entendem importância da cooperação e acreditam que através dela possam obter vantagens competitivas que não alcançariam sozinhos. Porém segundo eles nenhuma iniciativa de cooperação obteve êxito até o momento. Alguns acreditam que é pelo fato de se verem muito mais como concorrentes do que como parceiros.

De acordo com Borin (2006), ao se organizarem como unidades isoladas, os pequenos negócios terminam por reproduzir a forma de funcionamento de grandes empresas, porém sem suas principais vantagens: a capacidade de gerar economias de escala, de investir em inovação produtiva e gerencial e contar com profissionais qualificados. Torna-se então necessário o estabelecimento de novas formas de organização e de ação junto aos pequenos negócios, de forma a superar as deficiências oriundas do porte e do isolamento, afirmando assim, a necessidade da

utilização do princípio da especialização flexível, a cooperação, que se bem estruturado reverte à situação deste paradigma.

A abordagem para o desenvolvimento econômico local é focada na implementação de iniciativas convencionada entre parceiros que trabalham no nível de um território local. É principalmente a melhoria dos indicadores econômicos tradicionais tais como orientada para o crescimento e o emprego e renda (DIONNE, 1996).

A ação conjunta de empresas e outros agentes localizados também favorece a geração de inovações, levando à criação de diferentes tipos de instituições de ensino, pesquisa e prestação de serviços que melhoram as capacitações técnicas, tecnológicas e inovativas de cada empresa e conseqüentemente aumentam a capacidade de inovação do sistema e as externalidades positivas locais (SUZIGAN *et al*, 2005).

Portanto é necessário que exista cooperação entre empresas de modo a melhorar a eficiência das suas interações transacionais. Para isto é necessário que haja algum tipo de relação de governança para manter a ordem e minimizar os rompimentos. Uma colaboração organizada torna possível às empresas aprenderem umas com as outras e formarem um *pool* de tecnologias e trabalho especializado (SUZIGAN, 2001).

Considerações finais

Fundamentado na metodologia dos distritos industriais neo-marshallianos este trabalho sistematizou um melhor entendimento sobre a cooperação na aglomeração produtiva da associação de artesanato e confecção de Raposo- RJ.

Foi verificado que a maior dificuldade em relação às articulações é a falta de confiança e a falta de uma cultura de cooperação na localidade. Foi possível identificar isso através da análise da evolução das atividades, onde cada um se desenvolveu de forma isolada a partir do exemplo de êxito que outras pessoas obtiveram com a mesma atividade. Identificou-se que eles se veem muito mais como concorrentes do que como parceiros. Porém existe um interesse desses que órgãos de articulação pública e privada estejam inseridos no local com objetivo de auxiliá-los para que possam obter vantagens competitivas através de ações coletivas. Percebe-se um interesse na participação e comprometimento dos atores para promoção do desenvolvimento mútuo.

É necessário que agentes locais envolvidos nesse processo tenham como princípio orientador das relações de negócios a confiança e entendam que a existência de cooperação no interior de uma aglomeração produtiva não exclui de maneira nenhuma a presença de competição. Esse binômio

sempre faz com que um seja o autolimitado imposto ao outro, a firma vai cooperar até o limite em que seus interesses são ameaçados (BORIN, 2006).

Os aspectos metodológicos tratados nesse trabalho podem trazer grandes contribuições para estudos futuros da localidade de Raposo. Ao analisar a região, podemos lançar mão dos elementos fundamentais característicos da organização produtiva e conceitos complementares da literatura de economias de aglomeração, de maneira a viabilizar um mapeamento claro do sistema econômico local..

Pode-se considerar que a localidade até o momento possui uma característica endógena de desenvolvimento e que apresenta potencialidades para promover ações de cooperação voltadas para o território uma vez que exercem a mesma atividade produtiva e estão próximas fisicamente.

Referências

- ALBAGLI, S.(2003) Informação, territorialização e inteligência local. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 5., 2003, Belo Horizonte. Anais. Belo Horizonte: ECI/UFMG.
- AMARAL FILHO, J. (2002) É negócio ser pequeno, mas em grupo. Disponível em: http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/artigos/ART_3.pdf. Acesso em: 10.01.2012.
- AUN, M. P.; CARVALHO, A. M. A. de e KROEFF, R. L. (2005) Arranjos produtivos locais e sustentabilidade: políticas públicas promotoras de desenvolvimento regional e da inclusão social. Itajaí: Revista Alcance.
- BARBOZA, L. C. (Coord.) et al.(1998) Agrupamento (clusters) de pequenas e médias empresas: uma estratégia de industrialização local. Conselho de Política Industrial e Desenvolvimento Tecnológico. Rio de Janeiro: CNI, 38 p.
- BECATTINI, G. (1989), “Riflessioni sul Distretto Industriale Marshalliano come Concetto Socioeconomico” in Stato e Mercato, nº 25.
- BELUSSI, F.; GOTARDI, F. (2000) Evolutionary patterns of local industrial systems—towards a cognitive approach to the industrial district. Aldershot, England: Ashgate Publishing.
- BRESCHI, S. LISSONI, F. (2001) Knowledge Spillovers and local innovation Systems: a critical survey, industrial and corporate change. 10, 975-1005. Disponível em :icc.oxfordjournals.org. Acesso em : 02.03. 2012.
- BRUSCO, S, (1990). The idea of the industrial district: its genesis. In: PYKE, F , BECATTINI, G., SENGENBERGER, W, eds. Industrial districts and inter-firm cooperation in Italy. Genebra ; ILO.
- CASSIOLATO, J. E; LASTRES H. M. M. (2003) O foco em arranjos produtivos e inovativos locais de micro e pequenas empresas. In: LASTRES H. M. M.;

- CASSIOLATO, J. E.; MACIEL, M. L. (Orgs.). Pequena empresa: cooperação e desenvolvimento local. São Paulo: Relume Dumará, jul. Cap.1, pág. 21-34.
- CASTRO, R. A. R. de; RIBEIRO, A. das C. (2010) Relações de cooperação no aglomerado sucroalcooleiro fluminense: reflexões sobre o papel do recurso intangível no desenvolvimento regional. Agenda Social. v.4 , n.2, mai-ago, p. 59-75.
- CERVO, A.L. BERVIAN, P.A.DA SILVA, R. (2007) Metodologia científica.6.ed.São Paulo: Pearson Prentice Hall.
- COSTA. J.L.M. (2003) Pergaminhos de Raposo. 1. ed. Petrópolis: Park Graf.
- FORAY, D. (1991) The secrets of industry are in the air: industrial cooperation and the organizational dynamics of the innovative firm. Research Policy, North-Holland, v. 20, n. 5.
- GARCIA, R. (2006) Economias externas e vantagens competitivas dos produtores em sistemas locais de produção: as visões de Marshall, Krugman e Porter. Disponível em: <http://revistas.fee.tche.br>. Acesso em: 18 .12. 2011.
- GIUDICE, D. S. SOUZA, R. de M. (2011) A Importância da Atividade Turística no Desenvolvimento Local: O caso da Chapada Diamantina-Bahia.Disponível em: www.eumed.net. Acesso em: 13.04. 2011.
- Krugman, P.(1991) "Increasing Returns and Economic Geography," Journal of Political Economy, University of Chicago Press, vol. 99(3), pages 483-99, June.
- LANGLOIS, R.; ROBERTSON, P.(1995) Firms, markets and economic change: a dynamic theory of business institutions. London: Routledge.
- LEMOS, C. (2012) Micro, Pequenas e Médias Empresas no Brasil: Novos Requerimentos de Políticas para Promoção de Sistemas Produtivos Locais. Tese de Doutorado. Disponível em: <http://www.sinal.redesist.ie.ufrj>.Acesso em: 28.01.2012.
- LOMBARDI, M. (2003) The Evolution of Local Production Systems: the emergence of the "invisible mind" and the evolutionary pressures towards more visible "minds". Research Policy, v. 32, n. 9, Sep.
- MALHOTRA, N. (2006) Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada. Tradução Laura Bocco. 4. ed. Porto Alegre: Bookman.
- MARCONI, M.. A.de. LAKATOS, E, M. (2010) Fundamento de Metodologia Científica. 7. ed. São Paulo: Atlas.
- MARKUSEN, A. (1995) Áreas de atração de investimentos em um espaço econômico cambiante: uma tipologia de distritos industriais. Nova Economia, Belo Horizonte, v. 5, n. 2, dez.
- MARSHALL, A (1890). Principles of Economics: An Introductory volume, traduzido em Princípios de Economia: tratado introdutório, São Paulo, SP, Abril Cultural, 1982.

- PEREIRA, L. L. ; RIBEIRO, A. das C. (2011) A aglomeração produtiva de agroturismo em Venda Nova do Imigrante: estrutura e impactos na geração de riqueza local. RACE, Unoesc, v. 10, n. 1, p. 75-90, jan./jun.
- PIORE, M , SABEL, C (1984). The second industrial divide: possibilities for prosperity. Nova Iorque : Basic Books.
- PORTER, M. (1993) Vantagem competitiva das nações. 9. ed. Rio de Janeiro: Campus.
- SCHMITZ, H. (1997) Eficiência coletiva: caminho de crescimento para a indústria de pequeno porte. Ensaios FEE, Porto Alegre, v. 18 n.2 p.164-200. _____ . Collective efficiency and increasing returns. IDS Working Paper, Brighton, IDS, n. 50, march
- SCOTT, A. (1998) The geographic foundations of industrial performance. In: CHANDLER, A.; HAGSTRON, P.; SOLVELL, O. (Org.). The dynamic firm: the role of technology, strategy, organization, and regions. Oxford University.
- SEVERINO. A.J. (2007) Metodologia do Trabalho Científico. 23. Ed.rev.e atual. São Paulo: Cortez.
- SUZIAGAN, W. FURTADO, J. GARCIA, P. SAMPAIO, S.E.K. (2003) Sistemas Locais de Produção: mapeamento, tipologia e sugestões de políticas.. Disponível em: www.anpec.org.br. Acesso em: 16 .01.2012.
- SWINBURN, G; GOGA, S; MURPHY, F. (2006) Desenvolvimento Econômico Local: Um Manual para a Implementação de Estratégias para o Desenvolvimento Econômico Local e Planos de Ação. Manual para Desenvolvimento Econômico Local. Disponível em: <http://siteresources.worldbank.org>. Acesso em: 18.03. 2012.
- TRIGILIA, C. (1989). Small - firm development and political subcultures in Italy In: GOODMAN, E., BAMFORD, J., eds. Small firms and industrial districts in Italy. Londres; Routledge.